

Os estereótipos e regras sobre as mulheres negras: uma análise da série *little fires everywhere*

The stereotypes and rules about black women: an analysis of the series *little fires everywhere*

Los estereotipos y reglas sobre las mujeres negras: un análisis de la serie *little fires everywhere*

*Carla Juliane Martins Rodrigues*¹

RESUMO

Esta análise investiga os efeitos das regras baseadas em estereótipos sobre mulheres negras nas relações entre as personagens Mia Warren e Elena Richardson da série *Little Fires Everywhere*. Utiliza-se a Análise dos Efeitos de Regras, fundamentada no comportamentalismo radical. A série, embora fictícia, reflete dinâmicas sociais reais, mostrando como as relações entre as personagens ilustram a continuidade de regras que, apesar de aparentes mudanças, ainda mantém o controle e a subordinação opressiva sobre mulheres negras.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras. Estereótipos. Regras.

ABSTRACT

This analysis investigates the effects of stereotype-based rules on Black women in the relationships between the characters Mia Warren and Elena Richardson in the series *Little Fires Everywhere*. The analysis employs the Analysis of Rules' Effects, based on the assumptions of radical behaviorism. Although the series is fictional, it reflects real social dynamics, showing how the relationships between characters illustrate the persistence of rules that, despite surface-level changes, still maintain control and oppressive subordination over Black women.

KEYWORDS: Black women. Stereotypes. Rules.

RESUMEN

Este análisis examina los efectos de las reglas basadas en estereotipos sobre mujeres negras en las relaciones entre Mia Warren y Elena Richardson en *Little Fires Everywhere*. Se utiliza el Análisis de los Efectos de las Reglas, basado en el conductismo radical. Aunque la serie es ficticia, refleja dinámicas sociales reales, mostrando cómo persisten reglas que mantienen la opresión y subordinación de las mujeres negras, a pesar de los cambios superficiales.

PALABRAS CLAVE: Mujeres Negras. Estereotipos. Reglas.

¹ Mestra em Neurociências e Comportamento – Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia Experimental – Universidade de São Paulo (USP), Brasil. E-mail: cmartinsr@usp.br/cmartinsbehavior@gmail.com

* * *

Introdução

A opressão de pessoas negras deu-se por meio de práticas verbais que atuaram no controle do comportamento. A colonização foi justificada por discursos que se apresentavam como uma missão “civilizadora” para povos “primitivos”, legitimando exploração e desumanização. Práticas verbais já estereotipavam pessoas negras, como quando Hegel as descreveu como “sem história”, “bestiais”, envoltas em ferocidade e “superstição”. A filosofia religiosa perpetuava essas práticas, justificando a exploração como “punição divina” e disciplinamento dos “selvagens” (SCHWARCZ, 2024).

Os estereótipos racistas ainda são difundidos, como no dito popular: “preta pra cozinhar, mulata pra fornicar e branca para se casar.” Essas práticas culturais coletivas são mantidas por consequências que favorecem o grupo dominante social, econômica e politicamente (SAINI; VANCE, 2020). As práticas controladoras racistas e sexistas da colonização mantêm-se vivas na contemporaneidade, uma simbologia que permanece nos controles comportamentais a nível ontogenético e social. As novas contingências de controle reproduzem essas dinâmicas, mesmo que com diferentes topografias, visando sempre subjetivar e inferiorizar, a população negra, sobretudo, mulheres negras.

Para Lélia Gonzalez (2020), a perpetuação das desigualdades se deu como uma forma de violência simbólica enraizada na linguagem e sustentada pelo mito da democracia racial. Esse mito invisibiliza as desigualdades e marginaliza a população negra, especialmente as mulheres negras, que ocupam as posições mais subalternizadas da sociedade, muitas vezes relegadas aos papéis de “doméstica”. Elas carregam consigo os dois principais marcadores de desigualdade no Brasil: raça e gênero, que estruturam a

desigualdade social e alimentam o nó patriarcado-racismo-capitalismo, perpetuando hierarquias e exclusões.

As práticas verbais oriundas do sistema hegemônico exemplificam a discriminação: termos como "pessoas de bem" contrastam com expressões depreciativas como "serviço de preto" e "denegrir". Tais expressões sustentam estereótipos duradouros, configurando uma continuidade de controle verbal que legitima uma divisão social fundamentada em raça e gênero (BENTO; CARONE, 2002; PIZA, 2002). Para as mulheres negras, as regras de controle são complexas e multifacetadas: as referidas regras de raça são acompanhadas de normas voltadas a seu gênero, projetando-se em expressões como “as mulatas são mais quentes”, “você deve ser uma cozinheira de mão cheia” ou “você é uma mulata tipo exportação,” que subjugam e direcionam suas experiências, sejam elas de sexualidade, trabalho ou afeto.

Essa condição persiste na figura da “mucama”, que se converte na “doméstica” contemporânea. Enquanto mucamas, as mulheres negras realizavam múltiplas tarefas para a manutenção da casa-grande, além de sofrerem abusos sexuais sistemáticos. Essa função de servidão afetiva perdura na figura da “mãe preta” e “ama de leite,” mantida na figura da empregada doméstica negra que, muitas vezes, é tratada como “quase da família,” naturalizando e reforçando comportamentos subalternos (GANZALEZ, 2020; DEL PRIORE, 2020). Como pontua Skinner (1974), subjetividades moldadas por emoções e sentimentos são, afinal, produtos das contingências em vigor. De forma complementar, Lopes e Laurenti (2023) destacam que “boa parte das contingências responsáveis pelo comportamento individual é de natureza social, organizada e mantida por um grupo social”.

Nesse cenário, o presente artigo busca compreender o impacto das regras culturais formadas a partir dos estereótipos das mulheres negras e analisá-las na relação das personagens Mia Warren (Kerry Washington) e Elena Richardson (Reese Witherspoon) na série *Little Fires Everywhere*. A abordagem metodológica se baseia na análise do efeito das regras,

fundamentada nas teorias do comportamentalismo radical de Skinner, reconhecendo que as práticas verbais são produtos sócio-históricos, situados em contextos específicos que refletem as dinâmicas de uma sociedade.

Essa análise visa esclarecer como as práticas verbais de uma sociedade em determinado contexto social e histórico se adaptam para sustentar desigualdades de poder de maneira velada. O conceito de “Regras” e suas funções são essenciais para investigar como esses mecanismos, ao se tornarem menos explícitos, dificultam o reconhecimento e a contestação das injustiças que mulheres negras enfrentam. Desse modo, mesmo que as regras se tornem menos diretas, o controle e a subjugação que operam permanecem, evidenciando uma resistência estrutural à mudança. Com isso, a análise das transformações na topografia das regras permite destacar o papel da cultura na perpetuação das desigualdades, questionando normas que, embora aparentemente neutras, estabelecem relações de poder que limitam a autonomia e o reconhecimento das mulheres negras.

A escolha da série é estratégica, pois permite analisar estereótipos e regras impostas às mulheres negras fora do contexto de trabalho doméstico, como em produções como *Que Horas Ela Volta?* com Regina Casé, ou *Histórias Cruzadas*, com Viola Davis e Octavia Spencer, em que as mulheres negras geralmente aparecem como empregadas domésticas de famílias brancas. Em *Little Fires Everywhere*, Mia Warren e sua filha, Pearl, não estão associadas ao trabalho doméstico. No entanto, o fato de serem negras muitas vezes as direciona a esses papéis. Esse contraste ressalta a persistência das expectativas racializadas, independentemente das ocupações ou papéis reais das personagens, revelando a natureza perversa dos estereótipos e regras sociais.

Na primeira seção, apresenta-se a fundamentação teórico-metodológica; em seguida, discute-se os estereótipos e regras sobre e para as mulheres negras no período colonial e na contemporaneidade. Na terceira parte, a série *Little Fires Everywhere* e o fragmento analisado são

apresentados. Por fim, identifica-se o impacto das regras e de suas funções na relação entre Mia Warren e Elena Richardson, finalizando com as considerações do estudo.

Pressupostos da Análise dos Efeitos de Regras Sobre o Comportamento

Para a análise, utilizarei os princípios do comportamentalismo radical, focando no conceito de "regras" proposto por Skinner (1974, 1976, 1987), aliado à teoria do "ocultamento das práticas de opressão" de Laurenti e Lopes (2022). Pretendo examinar como, apesar das mudanças na topografia das regras que moldam os papéis designados às mulheres negras, a função de subalternização é mantida. Assim, a análise buscará revelar a continuidade das práticas de opressão, evidenciando que, embora as formas e os discursos possam se transformar, a função de manter a subordinação de mulheres negras permanece estável, preservando o sistema de controle social que sustenta desigualdades estruturais.

Skinner (1974, 1976, 1987) definiu regras como estímulos especificadores de contingências, isto é, descrevem a relação de interdependência entre um evento que antecede o comportamento, o comportamento como resposta e suas prováveis consequências. Por essa definição regras podem ser representadas como instruções, avisos, orientações, conselhos, ordens e leis, dentre outros. No ambiente verbal, uma pessoa tende a ser exposta a várias regras para comparar, avaliar, compreender, concordar, encontrar algo importante, querer, escolher, fazer ou não fazer algo, não ter medo disso e gostar daquilo, sentir pena de uma pessoa e ter orgulho de outra, sentir-se livre, feliz, lembrar-se de algo ou alguém, ser obediente, autocontrolado, responsável, perfeccionista, crítico e assim por diante (ALBUQUERQUE; PARACAMPO, 2010).

Além de especificar relações contingenciais, as regras também descrevem o comportamento a ser emitido e suas variáveis de controle, funcionando como estímulos que evocam e mantêm respostas específicas.

Dessa forma, elas podem exercer controle do comportamento ao indicar não apenas o que deve ser feito, mas também ao definir as condições que determinam a probabilidade de que o comportamento ocorra e seja reforçado (ALBUQUERQUE; PARACAMPO, 2017). Esse caráter de controle é fundamental, pois permite que as regras orientem comportamentos sem a necessidade de exposição direta às contingências naturais, facilitando a aprendizagem de comportamentos complexos e adaptativos em contextos sociais.

Contudo, há uma linha tênue entre o uso de regras para a aprendizagem e seu uso para controle do comportamento, especialmente quando consideramos o terceiro nível de seleção, que é o cultural. Nesse nível, as regras são frequentemente usadas por agências de controle como instrumentos de controle social, estruturando expectativas e padrões de comportamento para manter determinada ordem social. Quando as regras são implementadas de forma a preservar hierarquias e desigualdades, elas transcendem a simples função de orientar comportamentos e passam a operar como ferramentas de controle sobre grupos específicos.

Além disso, ao considerar a dinâmica de poder em situações como a relação entre uma empregada doméstica e sua patroa, é possível observar como as regras emitidas pela figura de autoridade (a patroa) não apenas controlam o comportamento da empregada, mas podem controlar a subjetividade ao gerarem autorregras. Nessa situação, a empregada doméstica pode começar a repetir para si as regras previamente ditadas, de modo que seu comportamento passa a ser controlado por essas autorregras, mesmo na ausência da figura de autoridade (GONZALEZ, 2020; ALBUQUERQUE; PARACAMPO, 2017).

Uma autorregra pode ser aprendida a partir de uma regra emitida por um falante de confiança (SKINNER, 1976), passamos então a compreender que um falante de confiança está na categoria do comportamento ontogenético, e quando partimos de contingências sociais, quem é o falante de

confiança? A classe dominante é o falante de confiança, homens brancos e mulheres brancas de classe média fazem parte desta audiência de confiança, não necessariamente expressa o significado de confiança, mas sim de autoridade estabelecida uma relação de poder, podendo tornar a mulher negra insensível a novas contingências (BENTO, 2022).

As autorregras, nesse contexto, refletem a forma como essa pessoa se percebe na dinâmica de poder. Sua autopercepção, por sua vez, está diretamente ligada às contingências em vigor, ou seja, aos padrões de reforço e punição que regem essa relação social. Dessa forma, a empregada pode vir a se ver como naturalmente subordinada, reproduzindo as expectativas e os limites estabelecidos pela patroa, o que perpetua seu lugar na estrutura social. Esse fenômeno demonstra como o controle social, exercido inicialmente por uma fonte externa, pode se transformar em um controle autogerado, dificultando o rompimento com essas relações hierárquicas.

Contudo, diferentemente dos comportamentos reforçados e punidos em nível ontogenético, ou seja, na história individual, no nível de seleção cultural - especialmente em um ambiente social verbal - o que se torna mais importante é a sobrevivência da cultura, mesmo que esta seja marcada por práticas opressivas de um grupo privilegiado para um grupo oprimido. Os comportamentos de mulheres negras são produtos de contingências sociais. Em outras palavras, o comportamento individual é moldado pela interação em um ambiente social e, no caso dos humanos, especialmente pelo ambiente social verbal.

Estereótipos das mulheres negras no período colonial e na contemporaneidade

Para a análise da série, focaremos nas regras contemporâneas sobre as mulheres negras, considerando como práticas linguísticas racistas, historicamente constituídas no Brasil, persistem e se adaptam, gerando representações limitantes e estigmatizantes. Essa análise abrangerá desde

regras coloniais e transitórias até as representações atuais que moldam percepções sociais sobre e das mulheres negras.

Quadro 1. Descrição das Práticas Verbais, Estereótipos e Regras sobre as Mulheres Negras.

| Práticas verbais racistas historicamente constituídas no Brasil sobre as mulheres negras | Regras do período colonial presentes em figuras /estereótipos sobre a mulher negra | Regras Transitórias do período colonial e contemporâneo presentes em figuras/estereótipos sobre a mulher negra | Regras contemporâneas presentes em figuras/estereótipos sobre a mulher negra |
|--|--|---|---|
| Mulheres negras são sub-humanas: como “negros” são desalmadas (sem alma ou espírito), como “mulheres” são emotivas, instintivas, sexuais e, portanto, mais próximas à natureza que à cultura. Precisam, assim, ser domesticadas. | <p>1. Figura da Mucama Regra: mulheres negras servem para realizar trabalhos domésticos e para satisfazer sexualmente homens brancos</p> <p>2. Figura da Mãe preta e ama de leite Regra: mulheres negras servem para realizar trabalhos domésticos e de cuidado de pessoas brancas</p> | <p>1. Doméstica: mulheres negras vinculadas a trabalho doméstico e de cuidados de pessoas brancas.</p> <p>2. Mulata: mulheres negras objetivadas sexualmente.</p> | <p>1. A "submissa": representa o estereótipo da mulher negra idealizada como dona de casa devota, que executa as tarefas domésticas com dedicação e é esperada ser carinhosa com os filhos dos patrões e subserviente tanto a pessoas brancas quanto ao marido.</p> <p>2. “A morena exótica”: É a mulher negra de tom de pele mais clara, que quase não é negra ou que possui traços finos, porém corpo "violão". Essa é vista como símbolo sexual e de "fácil acesso".</p> <p>3. “A barraqueira”: é representada na nossa produção cultural como a mulher de personalidade forte, de tom mais escuro de pele negra, caracterizada pelo seu comportamento histérico.</p> <p>4. “A arrogante”: Se dedica a vida profissional e dos estudos acadêmicos. Sua postura assertiva é lida como "arrogância".</p> |

| | | | |
|--|--|--|---|
| | | | 5. “A guerreira”: A mulher sempre forte, com muita tolerância a dor física e emocional. |
|--|--|--|---|

Fonte: a própria autoria

Essas regras e figuras contemporâneas demonstram uma continuidade das lógicas racistas e sexistas que limitam as mulheres negras a papéis estereotipados. A análise da série, então, abordará como essas representações atuais se mantêm nos discursos e nas imagens que reforçam a marginalização das mulheres negras na sociedade.

Esses estereótipos afetam as mulheres negras unicamente pelo fato de serem mulheres e negras, independentemente de suas características ou identidades individuais. A sociedade impõe essas representações sobre elas com base em uma combinação de racismo e sexismo que as desumaniza e limita, sem considerar suas histórias pessoais, habilidades ou valores. Ao

serem constantemente associadas a papéis como o da “submissa” ou da “barraqueira”, por exemplo, são vistas e tratadas de maneira preconceituosa, o que impacta profundamente suas oportunidades e seu reconhecimento social. Assim, essas figuras e estereótipos funcionam como camadas de opressão que minimizam as particularidades de cada mulher negra.

Descrição da série “Little Fires Everywhere” e do fragmento utilizado para análise.

A série é protagonizada por Reese Witherspoon. Aqui, ela dá vida a Elena Richardson, uma jornalista de uma pequena cidade no interior dos EUA que, embora tenha aspirações profissionais, acaba renunciando a sua carreira para se dedicar à família. Elena parece personificar o ideal de uma vida de “comercial de margarina”: a esposa perfeita, a mãe dedicada e, por fora, tudo o que poderia ser descrito como o símbolo de uma vida ordenada e convencional.

Nessa rotina cuidadosamente construída, Elena decide ajudar Mia Warren, interpretada por Kerry Washington, uma mãe solteira e artista de personalidade livre que se muda para o bairro com sua filha adolescente, Pearl. Diferente da família de Elena, Mia e Pearl são negras e viveram uma vida de incertezas e mudanças constantes, chegando a passar períodos morando no carro.

O encontro entre essas duas mulheres, de trajetórias tão diferentes, não demora a desencadear tensões. Enquanto Pearl rapidamente se aproxima dos filhos de Elena e começa a frequentar a casa grande e bem estruturada dos Richardson, questões profundas começam a vir à tona. A história explora as complexas dinâmicas de classe, raça e maternidade, revelando os conflitos internos de cada personagem e, mais amplamente, as desigualdades que permeiam a vida americana. A diferença de privilégios e estilos de vida evidencia como as boas intenções de Elena são, em parte, alimentadas por

uma condescendência sutil que, longe de criar laços reais, abre espaço para ressentimentos e preconceitos adormecidos, que logo emergem.

Os fragmentos elencados para análise foram retirados do primeiro, quarto e quinto episódios, intitulados respectivamente: “The Spark”, “The Spider Web” e “Duo”. Para esta análise, farei um recorte focado em três dinâmicas relacionais estabelecidas na série: Mia e Elena, Lexie e Pearl, e Mia e Izzy. Esses relacionamentos foram escolhidos pela complexidade das interações que revelam camadas de poder, racismo e expectativas sociais.

A relação entre Mia e Elena destaca tensões de classe e raça, enquanto a interação entre Lexie e Pearl explora questões de privilégio e apropriação. Já a conexão entre Mia e Izzy permite observar uma aliança inesperada que, embora aparente desafiar estereótipos, também levanta questionamentos sobre o papel de Mia. Em certo ponto, Izzy parece buscar em Mia uma figura de cuidado e orientação, repetindo a expectativa de que mulheres negras assumam um papel de apoio emocional e proteção. Esse contraponto revela a complexidade dessa relação, pois, ao mesmo tempo em que desafia algumas normas sociais, ela ainda se insere em uma dinâmica que pode reproduzir expectativas de cuidado frequentemente atribuídas às mulheres negras.

Esse contexto retratado na série será explorado em uma análise que visa compreender como essas dinâmicas representam relações sociais reais, nas quais, estereótipos e preconceitos direcionados a mulheres negras são constantemente reproduzidos, especialmente por pessoas brancas. A trama expõe a relação desigual entre Elena e Mia, que vai muito além de uma ajuda benevolente, revelando o desequilíbrio de poder e privilégio racial e de classe. A relação entre a família branca e privilegiada de Elena e a mulher negra, mãe solteira e sem estabilidade financeira, traz à tona estereótipos arraigados sobre mulheres negras — vistas, muitas vezes, como nômades, desestruturadas ou dependentes, e sujeitas a uma constante vigilância moral de mulheres brancas que se colocam como “salvadoras”. Esse cenário reflete

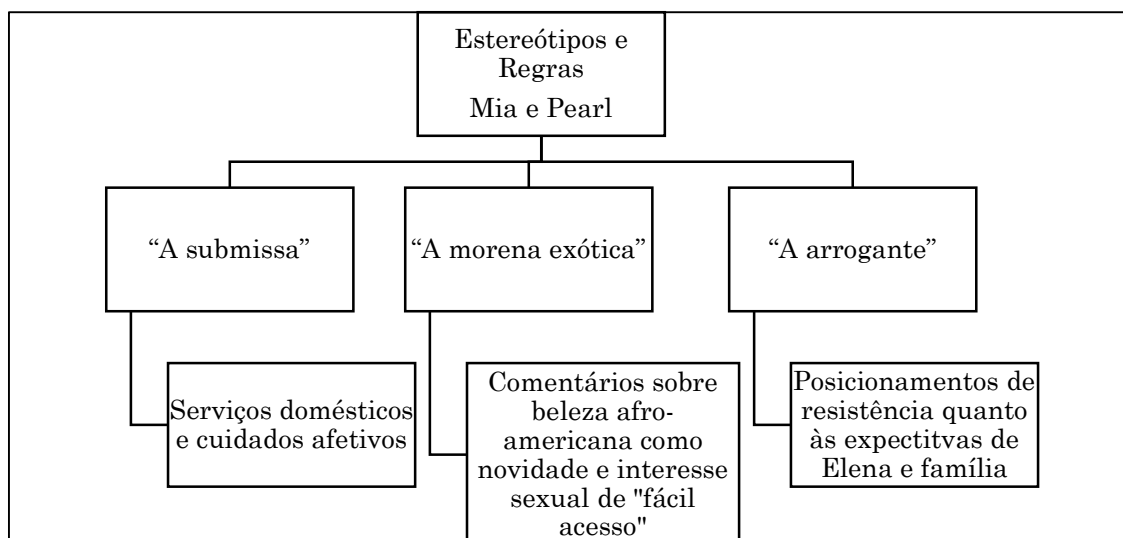
uma opressão sutil, em que a benevolência de Elena mascara a reprodução de preconceitos e a tentativa de controle sobre a vida de Mia e Pearl.

Análise dos estereótipos e regras no controle do comportamento de mulheres negras

Mesmo com a abolição da escravidão, as práticas racistas se mantêm. Embora a caracterização das mulheres negras tenha mudado desde o período colonial (não se fala mais em mucama ou ama de leite), o privilégio branco persiste, ao esperar que as mulheres negras se comportem conforme regras que as subjugam. Após a comunidade verbal passar a nomear práticas como preconceituosas, racistas e sexistas, a topografia da opressão muda, adaptando-se para operar de maneira menos evidente, mas mantendo a subalternização.

No início da narrativa, observamos que a relação entre Elena e Mia já começa sob uma perspectiva de controle e poder. Quando Elena vê o carro de Mia estacionado e liga para a polícia, justificando que “*geralmente eu não faço isso, mas se algo ruim acontecesse e eu não fizesse nada, iria ficar péssima*”, revela-se uma contingência que diz respeito a uma autoimagem de “*boa cidadã*”. Elena tenta manter uma postura altruísta, mas seu preconceito aparece ao destacar para a polícia que Mia é “*uma mulher afro-americana*”. Essa frase expõe uma contingência de discriminação racial sutil, em que Elena, deliberadamente, vê Mia como uma possível ameaça, em função de sua cor de pele.

Figura 1. Estereótipos e Regras relacionados às personagens Mia e Pearl.



Fonte: a própria autoria

"A Submissa": Esse estereótipo retrata mulheres negras como naturalmente servil ou dispostas a subordinação, posicionando-as em papéis de apoio e desvalorizando suas necessidades e autonomia. Esse tipo de regra surge repetidamente nas falas e atitudes de Elena em relação a Mia.

Figura 2. Contraste nas expressões de Mia e Elena.



Fonte: Reprodução Prime Vídeo, 2020.

Quando Elena oferece um trabalho de empregada doméstica a Mia, mesmo após ela já ter mencionado que trabalha como artista, ela opera sob a regra de que a mulher negra deve *"ocupar seu lugar"* em papéis de serviço. Ao dizer: *"Sabe, eu estou querendo contratar uma pessoa para minha casa, pra fazer uma limpeza leve, cuidar das roupas, até cozinhar"*, Elena assume que

Mia estaria disponível para uma posição subalterna, refletindo a expectativa da submissão.

Na discussão final entre Elena e Mia, quando Elena diz: “*Pensei que era sua amiga*” e Mia responde “*mulheres brancas sempre querem ser amigas da empregada*”, Mia evidencia uma regra social que reflete esse estereótipo: a ideia de que mulheres negras devem servir e, ao mesmo tempo, estar emocionalmente disponíveis para aquelas em posição de poder.

No contexto da análise dos estereótipos e das regras na dinâmica relacional das personagens, observa-se uma constante redução das mulheres negras a meros objetos sexuais, não apenas pelo foco em seus corpos, mas também pela exaltação de comportamentos submisso-sexuais que as posicionam como acessórios da ação masculina. Essa dinâmica vai além da subordinação de gênero, refletindo um processo de submissão racial, onde as mulheres negras são frequentemente retratadas como subordinadas, objetificadas e dominadas (GONZALEZ, 2020; NASCIMENTO, 2019).

O conceito de submissão amorosa é evidenciado nas representações que sugerem que as mulheres negras devem se submeter às necessidades de pessoas brancas – ao privilégio estrutural da branquitude (BENTO, 2022) - o que remete à análise de Sueli Carneiro (2023), para quem as mulheres negras, enquanto "o Outro", são culturalmente condicionadas a uma posição de subordinação. Bell Hooks (2021) também contribui para essa reflexão ao discutir como, nas relações patriarcais, o amor é muitas vezes utilizado como uma ferramenta de controle, com as mulheres negras sendo muitas vezes relegadas a papéis de subordinação, muitas vezes sem reconhecer o abuso subjacente dessas relações.

Figuras 3 e 4. Interação entre Pearl e Lexie.



Fonte: Reprodução Prime Vídeo, 2020.

Quando Lexie, após apropriar-se da experiência de Pearl para sua redação, convida-a para fazer compras e se oferece para pagar, configura-se uma regra de estereotipação que associa mulheres negras à dependência financeira e servidão emocional. Lexie toma atitudes condescendentes que retratam Pearl como alguém "necessitada" e "grata" por ser incluída em atividades como compras.

Lexie utiliza o nome de Pearl no prontuário do aborto para que ninguém soubesse que ela estava grávida. Além de pedir para Pearl buscá-la e levá-la até a casa de Mia, e solicitar cuidados, mesmo tendo uma rede de apoio, ela recorreu às duas mulheres negras que conhecia. De certa forma, isso poderia parecer um ato de confiança. Contudo, ao contextualizar o comportamento de Lexie dentro das práticas sociais e da dinâmica familiar, é possível identificar a questão racial em suas decisões.

"A Morena Exótica": Este estereótipo coloca mulheres negras como figuras de beleza "fora do comum", atraentes de maneira "exótica", quase como uma propriedade de "novidade" que atrai atenção devido à sua diferença.

Quando Elena descreve Mia como "*uma mulher bonita, afro-americana*", ela estabelece uma regra que insinua a beleza de Mia como uma "exceção" ou algo fora dos padrões, reforçando a ideia da mulher negra como "*morena exótica*". Esse tipo de comentário opera como uma forma de exotificação, fazendo da identidade racial de Mia uma característica que torna sua beleza "diferente" das mulheres brancas.

Em outra cena, um colega de trabalho de Bill, o marido de Elena, comenta, ao ver Mia: *“essa é a mulher que vai na sua casa todos os dias? Tá de brincadeira, queria ser você”*. Este comentário trata Mia como um objeto de desejo e curiosidade, uma regra implícita de que a mulher negra é uma figura a ser observada ou comentada como um “diferencial”, alguém *“diferente”* e atraente de maneira peculiar, e que permite de maneira interpretativa que algo aconteça sexualmente entre Bill e Mia.

"A Arrogante": Esse estereótipo associa mulheres negras à ideia de serem “arrogantes” ou “desafiadoras” quando expressam autoconfiança ou recusam papéis de submissão, especialmente em contextos que envolvem figuras de autoridade.

Figura 5. Mia enfrenta Elena: Rompendo com as expectativas.



Fonte: Reprodução Prime Vídeo, 2020.

A atitude de Mia ao questionar Elena sobre o trabalho de empregada, dizendo: *“Você quer que eu seja sua empregada?”*, pode ser vista por Elena como uma resposta “arrogante” ou desafiadora. Isso ocorre porque Mia rejeita a regra implícita de que mulheres negras devem ocupar uma posição subserviente. Ao se recusar a aceitar o trabalho de forma submissa, Mia é imediatamente rotulada como “difícil” ou “orgulhosa”.

Na discussão entre Elena e Mia, quando Mia afirma: *“Você não fez boas escolhas, você teve boas escolhas, tipo ser rica, branca e ter títulos”*, Elena responde: *“Eu jamais faria disso uma questão racial”*. A fala de Mia, *“Você fez disso uma questão racial quando implorou que eu fosse sua empregada”*,

quebra a expectativa de que ela deveria ser grata por estar naquele ambiente. Ao confrontar o privilégio de Elena, Mia é percebida como arrogante, desafiando a regra de que mulheres negras devem permanecer em seu “lugar” sem questionar.

Quando Mia confronta Lexie por usar o nome de Pearl no prontuário e depois não demonstrar gratidão, agindo como se Pearl estivesse à disposição de suas necessidades, ela diz: *"A minha filha pode ter amor para dar e deu a você, mas eu não, já chega"*. Nessa situação, Mia estabelece limites que são vistos como uma resposta “dura”. Ao se recusar a ser explorada emocionalmente, ela quebra a regra que espera que as mulheres negras sejam permissivas e acessíveis, sendo automaticamente interpretada como alguém que “não colabora” ou é “difícil”.

Essas regras construídas em torno de estereótipos moldam as expectativas dos personagens e determinam as contingências sociais que se desenvolvem entre eles, frequentemente em prejuízo de Mia e Pearl. A narrativa nos permite observar como essas normas reforçam desigualdades e perpetuam visões limitantes sobre a identidade e a agência de mulheres negras.

A análise das relações de poder e as dinâmicas de controle presentes no trecho proporcionam uma oportunidade para refletir sobre o funcionamento das contingências que estruturam o comportamento, especialmente em contextos de desigualdade racial e social. O comportamento de Elena, descrito como benevolente, oferece um exemplo claro de como a aparência de generosidade pode, na verdade, mascarar uma relação de poder profundamente desigual, em que a “ajuda” é sempre condicionada à subordinação da outra parte. Esse comportamento revela, conforme exposto nas anotações, uma lógica de controle similar àquela exercida historicamente sobre as mulheres negras no Brasil, nas figuras da mucama e da mãe preta.

No contexto de Elena e Mia, vemos como as boas intenções, muitas vezes, se tornam veículos para normalização de estereótipos raciais e

classistas. A tentativa de Elena de "ajudar" Mia, ao mesmo tempo em que a submete a uma função servil (como empregada doméstica), é uma forma de controlar e restringir o poder da outra. Aqui, a benevolência de Elena reflete um sistema de reforço no qual ela se beneficia, ao mesmo tempo que mantém Mia em uma posição subalterna. O mesmo acontece na figura da mãe preta, que, como cuidadora e ama-de-leite, se vê obrigada a servir sem condições de emancipação. Segundo Sueli Carneiro,

O que poderia ser considerado uma história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça, instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada, que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina dessas mulheres (CARNEIRO, 2019, p. 301).

Em adição, Para Sojourner Truth, de maneira a diferenciar a leitura social das mulheres brancas e negras,

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem —desde que eu tivesse oportunidade para isso —e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? (TRUTH, 1851).

Essa dinâmica de controle e subordinação é um reflexo de sistemas de poder mais amplos, onde os estereótipos e as expectativas em torno da identidade das mulheres negras — como as figuras de mucama e mãe preta. Ao se comportarem conforme o estipulado por essas normas, as mulheres negras obtêm certos reforçadores (como a aceitação social ou a segurança financeira), mas, ao mesmo tempo, estão presas em um ciclo que impede sua autonomia e liberdade plena. No Brasil contemporâneo, essa subordinação não desapareceu, mas tomou novas formas, como a objetificação sexual das

mulheres negras sob o estereótipo de "A morena exótica" ou a exploração do trabalho doméstico, que perpetuam a dinâmica de controle e inferiorização.

Os estereótipos que envolvem a figura da mulher negra, amplamente construídos e disseminados ao longo da história, refletem as dinâmicas sociais de subordinação e controle. A figura da "submissa", por exemplo, impõe à mulher negra a expectativa de obediência irrestrita, seja na esfera doméstica, seja em seu papel social. Historicamente, ela foi moldada para ser servente e submissa, em uma lógica que remonta à escravidão. Bell Hooks (2021) nos alerta que essa construção não é apenas um reflexo do passado, mas uma continuação de um processo que coloca a mulher negra como figura do cuidado e apoio, sem espaço para suas próprias ambições ou desejos. O estereótipo da "submissa" limita a mulher negra a um papel de figura auxiliar, mantendo-a no lugar de servidão e silenciamento.

Por outro lado, o estereótipo da mulher negra como "guerreira" oferece uma imagem paradoxal de resistência inquebrantável, na qual a mulher negra é frequentemente apresentada como uma figura de força imensa, capaz de suportar todas as adversidades sem sinal de fraqueza. No entanto, como aponta Patricia Hill Collins (2000), essa construção ignora a complexidade da experiência feminina, desconsiderando sua vulnerabilidade e fragilidade. Ao ser moldada como uma "guerreira", a mulher negra é colocada sob uma pressão excessiva, tornando-se uma representação de superação contínua, onde suas dores, sejam físicas ou emocionais, são subestimadas ou ignoradas. Collins sugere que esse estereótipo não apenas desumaniza a mulher negra, mas também reforça normas sociais que dificultam sua expressão emocional autêntica, impedindo-a de buscar o cuidado e apoio necessários.

O estereótipo da "morena exótica" carrega consigo um aspecto racial e sexual. Refere-se à mulher negra com traços mais claros e formas voluptuosas, associando-a a uma sensualidade irresistível. A construção dessa imagem, como aponta Lorgia García Peña (2016), reduz a mulher negra a uma aparência física fetichizada, ignorando a complexidade de sua

identidade. Ao ser vista apenas por um prisma sexualizado, a mulher negra é despojada de suas múltiplas dimensões como indivíduo, sendo reduzida a um objeto de desejo. Esse estereótipo, portanto, não apenas sexualiza a mulher negra, mas a torna vulnerável à objetificação e violência, sendo constantemente reduzida a uma função de prazer masculino, sem espaço para suas experiências e subjetividades.

O estereótipo da "barraqueira", amplamente dirigido à mulher negra de pele mais escura, associa sua reação a injustiças históricas e sociais a um comportamento descontrolado, agressivo e excessivamente emocional. Esse estereótipo distorce as reações legítimas de indignação e resistência diante da marginalização, atribuindo-lhe características de histeria ou falta de autocontrole. Kimberlé Crenshaw (1991) nos ensina que esse estereótipo está imbricado com a interseção de gênero e raça, deslegitimando as expressões emocionais e sociais das mulheres negras e apresentando suas reações como irracionais. Ao rotular essas mulheres como "barraqueiras", a sociedade nega sua dignidade, transformando suas lutas por justiça em algo a ser desprezado, sem considerar os contextos históricos e sociais que alimentam suas reações.

Por fim, o estereótipo da mulher negra como "arrogante" surge a partir de sua postura assertiva e de liderança, especialmente em espaços dominados por homens brancos. Quando a mulher negra se posiciona como uma figura de competência e autoridade, essa atitude é frequentemente interpretada como prepotência ou soberba. Como explica Collins (2000), essa leitura errônea de sua postura é uma resposta à marginalização histórica que as mulheres negras enfrentam. Sua busca por reconhecimento e respeito é muitas vezes vista de forma negativa, sendo tratada como um desafio à ordem tradicional. Esse estereótipo reflete uma resistência social à ideia de que mulheres negras tenham o direito de ocupar espaços de poder, sendo sua presença deslegitimada e suas competências ignoradas em favor de um status quo que favorece pessoas brancas.

Esses estereótipos, apesar de apresentarem diferentes facetas, compartilham um cerne comum: a redução da mulher negra a papéis pré-determinados, incapazes de refletir sua complexidade e a construção de sua identidade. Eles operam como instrumentos de controle e opressão, desconsiderando suas necessidades, suas dores e sua autonomia, reforçando um sistema que mantém essas mulheres em uma posição de subordinação.

A resistência de Mia, especialmente ao confrontar a tentativa de Elena de rebaixá-la ao papel de empregada, expõe a complexidade dessa relação de poder. Ao questionar a benevolência de Elena e afirmar que as mulheres brancas frequentemente tentam se aproximar de suas empregadas para validar suas boas intenções, Mia denuncia a falsa equivalência de poder e amizade que essas dinâmicas impõem. Sua fala consegue descortinar a percepção de que o sistema de poder racial e social mantém as mulheres negras em uma posição de subordinação, não importa o quanto as ações externas possam parecer generosas ou desinteressadas.

Essa reflexão nos permite compreender como, mesmo nas interações cotidianas e nas práticas sociais aparentemente benignas, o controle racial continua a operar para manter a subalternização das mulheres negras. O estudo dos reforços, e como estes atuam para perpetuar certos comportamentos e hierarquias, é fundamental para desmistificar a ideia de que a democracia racial no Brasil é uma realidade, quando, na verdade, ela camufla um sistema profundamente desigual.

Considerações Finais

O comportamento sob controle das descrições sumarizadas nos termos "a submissa", "a morena exótica", "a arrogante", "a barraqueira" e "a guerreira" tem efeitos diferentes para pessoas brancas e negras. Para as pessoas brancas, comportar-se diante da mulher negra conforme o especificado na regra (a submissa, a morena exótica, a arrogante, a barraqueira, a guerreira) produz reforçadores na forma de ganhos materiais (econômicos) e simbólicos (status, afetividade, cuidado). Para a mulher negra,

comportar-se conforme especificado nas descrições de "a submissa", "a morena exótica", "a arrogante", "a barraqueira" ou "a guerreira" evita estímulos aversivos associados à perda de emprego e de outros reforçadores básicos, além de poder produzir reforçadores relativos à aprovação social.

Novamente, os sistemas de reforçamento que mantêm o controle de estímulos por essas regras continuam a prejudicar pessoas negras em favor das brancas. As práticas culturais verbais que mantêm estereótipos sobre as mulheres negras ainda estão articuladas com práticas racistas de inferiorização e exploração de pessoas negras no Brasil. Ao evidenciarmos esse aspecto por meio do exame do controle por regras, fornecemos mais elementos teóricos para explicitar o mito da democracia racial em nosso país.

Referências

- ALBUQUERQUE, L. C.; PARACAMPO, C. C. P. Análise do controle por regras. *Psicologia USP*, v. 21, n. 2, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000200004>. Acesso em: 7 jan. 2025.
- ALBUQUERQUE, L. C.; PARACAMPO, C. C. P. Seleção do comportamento por justificativas constituintes de regras. *Trends in Psychology*, v. 25, n. 4, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-23Pt>. Acesso em: 7 jan. 2025.
- BENTO, M. A.; CARONE, I. (Orgs.). *Psicologia social do racismo* (2. ed.). Vozes, 2002.
- BENTO, B. *O Pacto da Branquitude*. Companhia das Letras, 2022.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*. Nova Fronteira, 2008.
- CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais*. Bazar do Tempo, 2019. p. 301-308.
- CARNEIRO, S. *Dispositivo da racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Zahar, 2023.

COLLINS, P. H. Gender, Black Feminism, and Black Political Economy. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 568, p. 41–53, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1049471>. Acesso em: 7 jan. 2025.

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1229039>. Acesso em: 7 jan. 2025.

DEL PRIORE, M. *Sobreviventes e guerreiras: Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*. Planeta do Brasil, 2020.

GARCÍA-PENÑA, L. *The Borders of Dominicanidad: Race, Nation, and Archives of Contradiction*. Duke University Press, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctv123x7pd>. Acesso em: 7 jan. 2025.

GONZALEZ, L. *Por um feminismo Afro-Latino-Americano*. Zahar, 2020.

HOOKS, B. *Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas*. Elefante, 2021.

LAURENTI, C.; LOPES, C. E. Uma Análise do Comportamento Contracultural: Perspectivas e Desafios. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, v. 13, n. 1, p. 025–040, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18761/DH00024.jan22>. Acesso em: 7 jan. 2025.

LOPES, C. E.; LAURENTI, C. Pragmatismo e Comportamentalismo Radical: Diversidade, Conflitos e Projetos de Sociedade. In: DITTRICH, A.; STRAPASSON, B. A.; ZILIO, D. (Orgs.). *Análise do Comportamento: Dimensões Políticas*. Instituto Par Ciências e Tecnologias do Comportamento, 2023.

NASCIMENTO, B. A Mulher Negra e o Amor. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto*. Bazar do Tempo, 2019.

PIZA, E. *Porta de vidro: uma entrada para branquitude*. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. (Orgs.). *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil* (p. 59-90). Vozes, 2002.

SAINI, V.; VANCE, H. Systemic racism and cultural selection: A preliminary analysis of metacontingencies. *Behavior and Social Issues*, v. 29, n. 1, p. 52–63, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s42822-020-00040-0>. Acesso em: 7 jan. 2025.

SCHWARCZ, L. M. *Imagens da Branquitude: A Presença da Ausência*. Companhia das Letras, 2024.

SKINNER, B. F. *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 1974.

SKINNER, B. F. *Beyond freedom and dignity*. Pelican Books, 1976. (Trabalho original publicado em 1971).

SKINNER, B. F. *Upon Further Reflection*. Prentice Hall, 1987.

TRUTH, S. E não sou uma mulher? 1851. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> . Acesso em: 06 jan. 2025.

Recebido em maio de 2025.
Aprovado em maio de 2025.